12 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

A hora suprema de Camilo

(Reconstituição rigorosamente inedita, baseada em todos os documentos historicos).

Camilo, o genial escriptor, o estranho protagonista da tragedia de S. Miguel de Seide, esgotadas as ultimas forças e as ultimas esperanças, ergue lentamente o cano do revolver que o vae matar... Mais uns minutos, e não pulsará já o grande coração, que sofreu e viveu, tragicamente, o "Amor de Perdição"...

DOMINGO ilustrado

ANO I N.º 10

LISBOA 22 DE MARÇO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — R. D. Pedro V, 18 — Tel. 101 N. — DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR GERENTE EDUARDO GOMES — IMPRESSÃO — R. da Rosa, 99

Má língua

NOTA A' MARGEM...

Nesta náu já sem léme nem traquête
é letra morta a glorificação.
Os «tubarões» que abancam no buffete
ás vezes com a canna de um foguete
procuram fazer bólas de sabão...

* * *

Num bisonho batuque funerario
capaz de exasperar o mais tranquilo,
como quem leva a cruz para o calvario
dobrou o seu primeiro centenario
a sombra gigantesca de Camilo.

Com que ancia suraria taes desvios
o seu genio que ergueu tantos prodigios!
Se hoje voltasse a esta mansão de loucos,
que amalgar de caricias e de «côcos»,
e de barretes... mais ou menos phrygios!

Se Elle voltasse á terra, e se visse isto,
toda esta pepineira sem exemplo,
todo este despauterio nunca visto,
molhava a penna, e, como Jesus Christo,
escorraçava os vendilhões do templo.

Eu bem sei que houve honrosas excepções,
— grammas de bronze em kilos de sucata —
Mas áparte essas raras devoções,
um grande retoiçar de figurões
solemnizou esta solemne data.

Vimos a lápide ir parar de um salto,
— talvez porque do Carmo se enfadasse... —
a uma lugubre casa côr de asphalto
que foi erguida em pleno bairro alto
e por milagre não pediu trespasse.

Vimos no Saldanhinho da Rotunda
uma pedra enterrada em sitio raso.
Mais uma estatua em terra que se funda,
e que ha-de ter uma expressão profunda
nos «narizes de cêra» a que deu azo...

Vimos, em vez de um hymno retumbante,
um fadinho talvez em tom de dó...
Dizem que é um trabalho interessante;
só sei que tenho um mêdo horripilante
de ainda ir ver Camillo ao Trólaró!

E vimos varias obras linguareiras
(as bôas excepções já estão previstas)
com capas sugestivas e fagueiras,
surgir como outras tantas rateiras
armadas ao furor dos Camillistas...

* * *

Por mim, revendo o que foi visto e ouvido,
nesta arvore á mercê de quadrumanos,
lamento...
— ter ha um século nascido
quem tal chicóte já teria erguido
se pudesse viver mais de cem annos!

TAÇO

DISTANCIAS

— É impossivel, com os gorilhas, chegarem a alcance de tiro...
— Todavia diz-se que o macaco é o animal que mais se aproxima do homem...

questão prévia

Em dois meses e meio, duas celebrações de centenarios de varões ilustres, que, em distintos campos da actividade e medindo entre si alguns seculos de distancia, proporcionaram aos contemporaneos o orgulhoso prazer de lhes evocar as façanhas e o talento.

E' evidente que me refiro ás comemorações do quarto centenario da morte de Vasco da Gama e do primeiro centenario do nascimento de Camilo Castelo Branco.

Infelizmente, nem uma nem outra celebração de tão assinalados dotes constituiu aquela lição e proveitoso exemplo que devem proporcionar-nos estas especies de canonisação leiva, que se destinam especialmente — creio eu — a consolidar a religião da Patria pelo culto dos seus herois e dos seus genios. Em verdade vos digo que, perante a pobreza franciscana destes dois centenarios, não ha quem, sentindo-se com vocação para homem ilustre, não renuncie á gloria, que é tão mal apreciada pela posteridade e eu proprio, á cautela, aqui declaro que dispenso os vindouros de me celebrarem a memoria em qualquer especie de centenario, caso estas cronicas do «Domingo Ilustrado» me venham a criar uma representação solida de genio, ainda que de trazer por casa.

* * *

Não se nos pode levar a mal que nós sintamos mais intensamente a passagem do centenario do nascimento de Camilo do que o da morte do navegador do Mar das Indias. Este, o heroi, ha seculos que está arrumado na respectiva prateleira da Historia. A sua gloria já não é discutivel e a sua consagração é definitiva. Mas o outro, o escritor, ainda ha trinta e tal anos vivia, sofria e escrevia e está portanto ligado á vida mental contemporanea. A celebração do seu primeiro centenario deveria ser ensejo, por consequencia, para uma verdadeira consulta á opinião desta posteridade, que nem por ser muito recente relativamente ao escritor, deixa de ser capaz de pronunciar-se já dum modo geral sobre o valor da sua obra.

Para se conseguir esta primeira «étape» do juizo definitivo que ha-de fixar-se sobre o valor e influencia literaria da pena de Camilo, a primeira realisação fecunda seria a publicação integral da sua obra, numa edição especial do centenario, a preços acessiveis, comentada e documentada pelos mais aptos admiradores do escritor e largamente espalhada por todos os recantos do mundo em que se fala português. Vinda a lume com alguns meses de antecedencia, esta edição da obra camiliana teria a vantagem de despertar as admirações adormecidas entre os que o levam na mocidade distante e de grangear novos e entusiasticos admiradores entre as gerações novas, que só conhecem Camilo dos trechos selectos das leituras escolares. Desta propaganda necessaria e justa resultaria, estou certo, uma mais larga comunhão de espiritos na consagração quasi particular e regional que constituiu o seu centenario, dando-lhe uma larga participação da nacionalidade.

A esta iniciativa, da edição do centenario, que eu sei ter sido tentado, se opuzeram dois fortes obstaculos: o ser Camilo hoje para os livreiros um riquissimo artigo de negocio, que convem fazer rarear para o encarecer e o terem-se os devotos do escritor, constituidos em confraria, entregue mais á indagação das intimidades sentimentais do seu orago que ao estudo critico da obra que ele deixou.

* * *

Fomos para o primeiro centenario de Camilo apertados entre estas duas restrições: o Porto, reclamando para si a gloria de Camilo, por o ter o escritor escolhido para teatro das suas façanhas de bohemio e da acção d'algumas das suas novelas e os camilianistas, proclamando no seu estandarte o dogma do «O Maior de todos», sem consentirem que alguem aproxime, sequer, da obra do romancista a ponta dum lapis que possa traçar um comentario, mesmo propiciador da sua gloria.

Aqueles que ainda não tiveram tempo ou ensejo de lêr Camilo continuarão a ignorar, mesmo depois do centenario, a plasticidade do seu talento, a riqueza expressiva do seu vocabulario o extraordinario poder evocativo das suas paginas emocionais, mas em compensação hão de ficar bem edificados no que respeita ás dificuldades de dinheiro que o escritor atravessou, ao numero de divisões e ao cheiro da casa em que ele nasceu, á côr das suas piugas, ás expressões intimas que dirigia a D. Ana Placido, aos seus dissabores, aos seus prazeres e até a certas atitudes sociais, e familiares, que pela sua irregularidade podem alhear algumas simpatias da memoria de Camilo.

Tudo isto e muito mais vem documentado e comentado em livros e folhetos numerosos, que o centenario camiliano trouxe a lume, nessa extranha demonstração de quanto aos devotos de Camilo interessa mais a desgraça, que o perseguiu em vida, que o talento, com que ele venceu a Morte.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

O Conselho da Sociedade das Nações esteve reunido e doutamente deliberou sobre casos graves na pitoresca cidade de Genève. E' realmente aconselhavel escolher-se um ambiente pitoresco quando se trata dos trabalhos de tão solemne agremiação cujo destino é erguer o definitivo templo da paz; mas ao terminarem as doutas deliberações o que mais se fixou no espirito de todos é que nunca tanto se temeu o regresso dum estado de guerra, como neste momento da civilisação.

... E emquanto o Sr. Chamberlain, em nome da Inglaterra, muito fria e calmamente defendia um ponto de vista, o Sr. Briand, em nome da França, muito ardente e animadamente defendia um ponto de vista totalmente diverso.

E são principalmente estas duas potencias aquelas a quem incumbe estabelecer a boa harmonia e a boa vontade no meio dos homens.

* * *

Entre as graves questões ameaçadoras de discordia que a habilidade dos politicos soube espalhar no mapa europeu, nessa ultima conferencia surgiu como sendo uma das mais iminentes a questão da Polonia.

Ultimamente a Alemanha mostrava desejos de entrar na Sociedade das Nações, até mesmo de entrar num bom «pacto de garantia» com as potencias ocidentaes; mas palavras e gestos imprudentes, ou antes palavras e gestos que de todo não se puderam ocultar, dão direito a que se creia ter tudo sido só mais ou menos manobra para mais livremente se mexer no oriente, na Alta Silezia, e contra a Polonia...

A ponto de querer subordinar a sua entrada para a Sociedade das Nações á condição de não correr o risco de vêr o seu territorio atravessado por quaesquer socorros militares, que as potencias ocidentaes (leia-se: a França) se lembrassem de enviar á Polonia, no caso de vir esta a ser atacada pela Russia bolchevista.

* * *

Porque tudo leva a crêr que a Republica imperial ainda vê a Republica sovietica simplesmente como destinada a servir-lhe de instrumento para o grande golpe...

* * *

De todas estas perturbantes ameaças belicas um facto, porem, nos pode consolar...

Nesta precisa ocasião o presidente Coolidge dos Estados Unidos Norte Americanos resolveu provocar uma conferencia conducente ao desarmamento dos povos, estando já decidido o envio das respectivas notas diplomaticas aos governos de Paris, Roma, Londres e Tokio.

E o mais interessante é que S. Ex.ª diz achar o momento altamente oportuno, visto a «falencia» dos technicos juristas e militares da Sociedade das Nações.

Isto é: por não terem chegado os homens a acôrdo em Genève na realisação duma obra de paz, devem chegar a esse acôrdo em Washington...

Assim seja!

* * *

Mas o peor é que surgem sempre descrentes...

E esses dizem que a conferencia, a realisar-se sob a benção «yankee», só poderá ter por fim vêr se os Estados Unidos e a Inglaterra chegam finalmente a um acôrdo quanto á divisão dos oceanos... entre ambas.

A. ROCHA PEIXOTO

écos

AS nossas reconstituições graficas teem produzido em algumas pessôas, comentarios que não correspondem a um conhecimento perfeito e justo das nossas intenções. A pagina que dedicamos á miseria de Lisbôa, é absolutamente verdadeira, e longe de ser uma in... propaganda da capital tem o fim de chamar a atenção das auctoridades para a correcção de aspectos degradantes que se repetem com a cumplicidade de muitos silencios.

DIA a dia o impudor das relações sociaes e da falta de escrupulos no cumprimento dos mutuos compromissos aumenta.

Assinantes deste jornal, ou antes individuos que receberam nove exemplares sem devolução de um unico, acham-se no direito de negarem o pagamento dos recibos que pelo correio vão á respectiva cobrança.

Nem sacrificios, nem trabalho alheio lhes merece a minima consideração. E, o mais curioso é que alguns nomes dessa «lista negra» são riquissimos milionarios, mais, ou menos de contrabando, é certo — mas cujos escudos pouco limpos que sejam — deviam pagar as suas dividas.

VÃO ter uma casa os vendedores de jornais. Será dificil habituar-lhes a essa idéia — ... lindo. Os nossos garotos dos jornaes dividem-se em varias categorias inconfundiveis, «os operarios», que saem de manhã e só pegam no «Seculo» e «Noticias», os ardinas que são aos enxames e fazem de preferencia as vendas da tarde e da noite, e os adventicios, ou «caixeiros» que é todo o garoto que não tem emprego e arranja alguma corôa da capital para poder pagar uns jornais.

Ha pois que distinguir os verdadeiros profissionais de venda, e a aluvião de petizes que nascem já com dois jornais debaixo do braço.

AO eminente jornalista sr. Bento Carqueja se deve muito do brilhantismo do centenario de Camilo no Porto. E' gratissimo registar a mocidade de espirito, a vivacidade, a activa e fecunda energia deste grande trabalhador, que não cança nem envelhece — Graças a Deus!

CONHECIMENTO

— V. Ex.ª já conhece minha mulher?
— Não tenho esse prazer...
— Prazer? ... Ah, bem se vê que não a conhece...

O que se lê

«NAMORADOS»—Versos de Virginia Victorino—2.ª edição—Lisboa, 1925.

Virginia Victorino publicou uma nova edição dos seus primeiros e gloriosos versos, daqueles que teem sido, afinal, *Namorados* por todos os que falam o português de Aquém e de Além Mar. Trazem agora uma capa felicissima, idilica, tôda pombas e azul, tôda inocente e clara como a bandeira de Amôr que êles defendem.

Os *Namorados* são das nossas raras obras contemporâneas que já teem sido objecto de alguma autorizada atenção critica. Pertencem á estirpe dos grandes livros fidalgos — dos que teem irrefutaveis pergaminhos de nobreza, e formam, lado a lado, com muitos livros capitaes de tôda a nossa Literatura.

Sendo a história do lirismo português um infindo rosário de amor, os *Namorados* serão uma daquelas contas maiores e bem evidentes no meio da multidão das outras, uma daquelas contas-marcos miliários, que chamam orações mais fervorosas e acordam mais crença na voz cansada de quem reza.

Sentindo que seria ridicula, por extemporânea qualquer referencia critica aos *Namorados*, gostei, não obstante, que a insigne poetisa, oferecendo ao *Domingo Ilustrado* um exemplar da edição nova, me oferecesse o pretexto para expor uma opinião que vai envolta num pedido:

—Peço a Virginia Vitorino que, apezar de tudo, continue a acreditar na sinceridade de todos os que louvaram entusiasticamente as suas obras e que, podendo falar bem alto, do alto das suas colunas de jornal, só por comodismo ou condescendência não se lembraram ainda de severamente castigar a impertinencia de quem julga prostituir a Poesia, pondo-a á venda sôbre colchas ricas, sob umas faixas de papel muito pobrezinhas de graça e muito ricas de impudor.

Não ha quem fustigue o espirito de cabotinismo que vai aumentando com a impunidade?!

Não ha quem, expontaneamente, grite resgelto e faça espaço em torno dos nomes de Virginia Victorino e de Fernanda de Castro, Maria de Carvalho, de Branca de Gonta, de mais duas ou três poetisas em tudo dignas de tão honroso titulo...? Não ha quem defenda a Poesia, deusa imaculada que elas adoram e em nada se confunde com quaisquer outras divindades pagãs que escolham para morada essas brochuras de equivoco aspecto!?

Como aqueles morgados da provincia que alegram alguns romances de Camilo e varriam as feiras com o varapau, tambem agora, nesta feira das Letras, alguem deveria correr com a pau os vendilhões menos honestos, os que reclamam á «americana» os seus productos avariados.

Tereza LEITÃO DE BARROS

NO BARBEIRO

—V. Ex.ª necessita lavar a cabeça...
—Tambem V. precisa lavar as mãos e eu ainda lhe não disse nada...

DA ARTE DE FAZER RIR

Eu sei que aqueles que se presumem de espiritos superiores, aqueles que teem a monomania de sizo alevantado e inteligencia para muito alem das esferas comuns, teem pela gargalhada o mais sordido desdem e a mais completa intolerancia que é dado supôr. Entendem essas alminhas de eleição que só a dor é positiva, como disse Antero do Quental e que as lagrimas são a melhor maneira de uma sensibilidade requintada, atingir os espasmos doidos duma emotividade deslumbrante de beleza e arte.

Para esses espiritos *divinos*, para essas sentelhas fulgurantes de supremo entendimento, rir é um verbo que devia ser banido da lingua das gentes, uma contração nervosa que os medicos nevropatas deveriam tratar com cautela não fosse o mal propagar-se e ficassem os alienados malucos de todo.

E no entanto, afrontando o desdem maximo do pessoal superior eu tenho pela arte de fazer rir um grande carinho, uma grande amizade, o supremo dos afectos.

Quem vive bem ri melhor, a choradeira é bôa para os que não teem mais que fazer, para os incapazes de fazer mais nada.

Rir é bom, desde o riso alvar e bestial que alarga aos ingenuos a bôca até ás orelhas entemecendo-lhe as bochechas, até áquele riso agudo de donzela histerica e historica que vára os ouvidos mais maciços e põe arrepios nervosos na espinha do mais acalmado.

Mas, desde que o mundo é mundo, o riso andou sempre pelas ruas da amargura. Os grandes tragicos vivem pelo tempo fóra na tradição das almas piegas que os evocam em extazes de adoração, religiosamente, quasi devotamente. Emquanto que dos comicos, ninguem se lembra apóz o estalar da gargalhada. Pelo campo das letras, erguem-se padrões sagrados aos que destribuiram lagrimas em fasciculos de tostão, suspiros de vaidades em sonetos meditadissimos, rozarios de palavras chorosas em volumes de duzentas paginas. E nem um só dos que fizeram rir os homens, teem no cinerario das recordações uma lampada aceza! Porque? Porque demonio os que fazem rir são lançados a um olvidio tremendo e todos os que espremem as glandulas lacrimais são tidos como gente de barro diferente!?

A admiração constante pelo auctor da *Dama das Camelias*, essa cebôla que entra em todas as meninas ahi por volta dos vinte anos, e o ar de superior desdem com que se diz:—Ah! sim! talvez Paulo de Kock!

Como se a obra do segundo, sem atavios de literatura, sem levantamentos de filosofias puras, sem intenções ultra-artisticas, não dê muito mais alegria de viver do que a historia de uma fregona que entesica e morre com a monomania das flores sem cheiro! Mas são assim os mentores do entendimento humano! Numa comedia em trez actos, que quasi faz rebentar de riso uma multidão, que a deixa satisfeita consigo e com os outros, que obriga a esquecer as amarguras e dá durante trez horas a impressão de que este mundo é o melhor dos mundos, é uma patetice, uma coisa inferior, um detalhe grosseiro. Num alternadissimo drama, com crimes de adulterio e pistolões vingativos, com amores incestuosos e mais materia para muitos anos de degredo, é uma obra de arte, um monumento que as multidões devem contemplar para comprehenderem os sagrados hynos da arte suprema!

Amigos histriões, comicos, charlots, bufos, piadistas, bôbos e tu tambem que largas a piada do Sol a tempo e a horas, venham todos para a minha beira! Deixem lá passar as lagrimas e não se importem que os outros lhe tirem o chapeu! Ao menos nós não arranjamos anemias a ninguem! Jamais um homem pensará no suicidio por nos ouvir!

Ninguem nos *liga nenhuma?!* Paciencia! O sono que ganhamos é bem ganho! O pão que comemos é á custa da alegria alheia! Vinde todos para aqui e deixem passar os *grandes!* Com uma gargalhada a tempo, ficam mais mirrados que uma castanha pilada!

AS AGUARELAS DE HELENA ROQUE GAMEIRO NO PORTO

A notavel pintora Helena Roque Gameiro, filha do eminente mestre da aguarela portuguesa que é Roque Gameiro partiu para o Porto ha dias e inaugurou na sexta feira, com o maior exito a exibição das suas aguarelas na capital do Norte. Expositora dos museus de Madrid, Lisboa e Rio de Janeiro—foi por sinal a unica pintora contemporânea portuguesa que neles se encontra representada.

Helena Roque Gameiro é uma consagrada. O Porto compreendeu que tinha como sua hospede um dos mais gloriosos nomes de arte portuguesa e tem feito, como era de esperar á pintora, ilustre o melhor acolhimento.

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

Breve resenha livre de pressões ou compromissos como é norma deste jornal.

MONNA VANNA — Foi um dos acontecimentos da semana esta boa adaptação da celebre tragedia de Mæterlinck. Apesar da dificuldade que os artistas alemães teem em incarnar o garbo dos florentinos da epoca, Monna Vanna é um explendido film digno do nome de super-producção. Paulo Wegner, é o grande artista do film onde Lee Parry põe uma nota delicada de formosura. Grande aparato e propriedade, grande beleza scenica prejudicada por legendas côxas e má montagem delas.

VELHO NINHO — Outro maravilhoso film. Reginale Barker, conseguiu nele, o milagre de obter uma grande super-producção sem intervenção de massas de figurantes nem de sumptuosas reconstituições historicas. E' um drama tranquilo cheio de sentimento e emoção e representado por uma forma assombrosa, por alguns grandes artistas que anceamos por ver novamente no écran.

CORREIO DE LYON — Um film em séries sofrivel que não adeanta nem atraza para a fama do celebre «Caso Lasurques».

JUIZ PRODIGO — Um bom film americano quanto á apresentação cinegrafica e a Warren Kerringan.

RICARDO MILIONARIO — Como todas as produções de Richard Talmadge é um belo film sportivo.

ÉCRAN

FRASE FEITA

—Cale-se, homem!... As grandes dores são mudas!...

Sports

Atletismo

II

CORREDORES DE NOBREZA EM INGLATERRA. CORREDORES MODERNOS

(Continuação do n.º 9)

Verdade seja que para alcançar semelhante perfeição ajudam a naturesa. Desde os sete anos, os musculos são alongados e esfregados com oleo de Siamne.

Os bascos preparavam-se creteriosamente desde tenra idade. Rabelais afirma que os corredores bascos já eram utilisados no tempo de Francisco I.

Os nomes de basco e lacaio eram então sinónimos; as funções de lacaio consistiam em correr por conta do seu amo.

Os burguezes que pretendiam ter o aspecto de nobres, procuravam imediatamente possuir um basco para seu serviço.

Em Inglaterra, paiz aristocratico por excelencia, os corredores a pé tiveram grande nomeada. As qualidades exigidas para esta profissão eram em primeiro logar a souplesse e a agilidade, mas era necessario tambem uma constituição robusta.

Os corredores tinham muitas precauções, á semelhança do que se passa hoje com os jockeys; tinham uma vida muito regrada e seguiam um regimen severo.

Em marcha, traziam sempre um bastão com 1 m. 80 de comprido, terminando por uma esfera de metal, em geral, prata. Esta massa, servia simultaneamente para levar as provisões de boca, ovos crus e um pouco de vinho.

O caduceu dos corredores de nobresa ingleza foi sem duvida a origem das bengalas com castão de prata que ainda hoje, os servos trazem nas casas de alta estirpe.

Um bom corredor, devia vencer, caso fosse preciso, 7 milhas (11.261 m.) á hora; no entanto este valor nunca era atingido, para não o inutilisar rapidamente.

Na Austria, observavam-se os mesmos costumes. No entanto, a carreira dos corredores era muito curta, visto que lhes exigiam, longas, fatigantes e amiudadas marchas.

Os corredores de profissão tinham como distinctivo, flores e falsos brilhantes. Todos apreciavam os bordados, penduricalhos, franjas d'ouro e de prata, campainhas e berloques, que dispunham com arte nos seus vestidos.

A corrida fazia lembrar qualquer cousa de feerico, de gracioso; assemelhava-se a um sylpho a uma borboleta, envoaçando entre flores.

Em Espanha, uma outra modalidade do corredor, era o «zagal», especie de trintanario que acompanhava as diligencias, para apressar as mudas, guardar o material e vencer todas as dificuldades imprevistas. O zagal era um diabrete pintado de azul, branco, alaranjado e vermelho, coberto de seda e de veludo, com caprichosos arabescos traçados no peito e nas costas.

Os corredores da alta nobresa na Alemanha e na Inglaterra, usavam fatos semelhantes. Na Escocia, nos fins do seculo XVIII, desconheciam-se ainda as viaturas a 4 rodas.

Para viajar, utilisavam-se «cadeirinhas» a duas rodas, cuja caixa descia entre os varaes. Estas eram tiradas por 4 ou 6 cavalos. No entanto a sua estabilidade era muito duvidosa, em especial atendendo ao estado deploravel das estradas naquela epoca. Recorria-se então ao serviço de «footmen», que se utilisavam egualmente como correios. Nos arredores dos grandes dominios feudaes da Escocia, é vulgar referirem-se a performances notaveis destes corredores.

Assim o conde de Home, residindo em Home-Castle (condado de Berwick) e tendo uma tarde uma comissão importante, encarregou um dos seus corredores de a executar. No dia seguinte, ao entrar de manhã no escriptorio ficou admirado de ver o seu lacaio, dormindo tranquillamente n'um banco.

(Continua)

CORRÊA LEAL

Foot-Ball

CAMPEONATO DE LISBOA

O Sporting Club de Portugal foi o primeiro onze a entrar na casa das dezenas. Pela sua vitoria dificil mas racional sobre os setubalenses, «os leões» conseguiram *onze* pontos no campeonato da I divisão.

Como o Bemfica e os Belenenses no maximo das suas hipoteses favoraveis não podem reunir mais que dez pontos, estão, ipso facto, impossibilitados de obter a 1.ª classificação na I divisão.

A lucta resume-se pois ao Sporting e Casa Pia, com nitidas e valiosas vantagens para o primeiro citado.

Os Casapianos, que possuem nove pontos, necessitam derrotar o Bemfica para alcançarem o seu competidor, mas o seu dificil triunfo exige ainda que os «leões» sejam vencidos pelos vermelhos. Nesta hipotese, os dois clubs estariam em egualdade de pontos e um match de desempate tornar-se-hia necessario para qualificar o campeão da I divisão.

Os resultados favoraveis e necessarios ao Casa-Pia estão dentro do possivel, mas constituem na verdade um conjunto de hipoteses muito original.

* *

Esta tarde, no campo do Restelo realisa-se o ante-penultimo encontro da epoca, defrontando-se Bemfica e Casa-Pia.

Ainda que victoriosos na 1.ª volta, os casapianos não indicaram nitida superioridade sobre o seu antagonista, e o resultado inverso seria egualmente bem aceite.

Da egualdade das forças em litigio, resulta um encontro emocionante e a rivalidade entre os dois clubs sofre hoje mais uma rude prova.

O campo do Restelo não tem sido propicio em bons resultados para o seu proprietario. Nesta ordem de ideias, um triunfo do Bemfica, ainda que muito restricto, é de boa logica admitir.

A QUEDA DE RAUL NUNES

O Congresso da União Portugueza de Foot-ball, que em longas e estereis sessões se veem arrastando ha um mez, teve a domina-lo dois factos primordiaes: o caso Raul Nunes e a marcação de local para o IV Portugal-Hespanha.

Nesta ordem de ideias, as votações dos congressistas foram uma presistente medição de forças, em que finalmente o bloco do sul foi derrotado.

Pelos estatutos da União, que é tudo quanto ha de mais caotico, nenhuma Associação Regional pode ter mais de trez representes; cada serie de cinco clubs inscritos nos campeonatos regionaes, dando direito a um delegado.

Em virtude deste principio absolutamente coercivo e disparatado, Lisboa e Porto, regiões onde o foot-ball tem uma enorme preponderancia possuem tantos representantes como Aveiro, ou Coimbra.

E pois, numa assembleia constituida sob estas bases verdadeiramente piramidaes, que assuntos preponderantes e fundamentaes para o foot-ball nacional teem sido discutidos e votados.

De resto, é justo confessa-lo, as Associações não foram sempre felizes na escolha dos seus delegados.

O foot-ball, cuja expansão é enorme, não tem necessidade de ser regido por ilustres desconhecidos. O nosso publico ainda se impressiona profundamente pelo passado sportivo dos seus dirigentes e adota mesmo a norma de considerar «intruso», todo aquele, que se apresenta como candidato a direções, mas que nunca soube salientar-se num campo atletico.

O nosso paiz é fertil em contradições. E assim, como têm sido ministros individuos que nunca desempenharam funções de caracter administrativo, egualmente na grande familia sportiva, aparecem á luz da ribalta, verdadeiras incognitas.

O caso ainda teria explicação, se o cerebro estivesse divorciado do musculo: ora entre os já não praticantes, ha dezenas de individuos de intelecto elevado, aptos a desempenhar funções administrativas.

E de boa logica admitir, que o jogador de hontem seja mais digno de figurar numa direção de hoje, do que qualquer adventicio.

* * *

Raul Nunes, antigo e prestimoso director da Associação de Lisboa e da União de Foot-ball, viu-se obrigado a declinar a sua re-eleição, para os novos corpos gerentes da União.

Verdadeiro paladino da causa e a quem o foot-ball deve imenso, Raul Nunes pela sua atitude ambigua como secretario-tesoureiro da Direcção transacta, caiu mal. O atraso inexplicavel na apresentação de contas e a forma ratona, como estas foram sujeitas ao criterio da assembleia, deram aso aos mais extraordinarios comentarios, em que a honra do conhecido dirigente, sofreu por vezes, rudes ataques.

Deste embate de paixões, resultou a atitude energica dos representantes da Associação de Lisboa, abandonando a sala, quando após um empate na votação, Raul Nunes foi reeleito por 2 votos de maioria, nova victoria do bloco do norte.

Tendo o congresso, na sua 1.ª reunião resolvido que a nova Direção sindicasse os actos da gerencia transacta, fazendo luz e descreminando as contas apresentadas, seria do mais elementar bom senso, não eleger o principal individuo atingido. Não se raciocinou assim, e os ilustres congressistas conseguiram esta dupla personalidade; um sindicado feito sindicante.

Não está certo; e o que mais nos admira, é que Raul Nunes, sendo indiscutivelmente um espirito esclarecido, tivesse deixado as cousas, atingir um grau tão intenso.

A sua demissão a tempo dar-lhe-hia um pouco do antigo prestigio, e teria resolvido o assumpto, não irritando os animos.

Como muito bem afirmou Julio d'Araujo, delegado da Associação de Moçambique, que marcou um logar de destaque pela precisão e desassombro das suas afirmações, Raul Nunes que poderia findar a sua carreira sportiva com chave douro, atendendo ao brilhantismo do seu passado teve a habilidade de encerrar a sua obra com uma chave de ferro ordinario e ferrugenta.

E' o que se chama, cair mal.

CORREA LEAL

GENTIL DOS SANTOS

Dotado de qualidades atleticas pouco vulgares, o conhecido «sprinter» do Internacional, tem conseguido com relativa facilidade, triunfar ha tres anos seguidos, nos campeonatos nacionaes de atletismo, nas provas de 100, 200 e 400 metros, estabelecendo um record sem precedentes.

Gentil foi o primeiro portuguez que percorreu os 100 metros em menos de onze segundos, tendo no seu ativo tempos excelentes, como 10 s. 9/10 e 10 s. 4/5.

Num paiz de grande desenvolvimento sportivo, com pistas apropriadas e treinos adequados, Gentil atingiria certamente uma forma, que lhe permitiria assinalados triunfos e performances de renome mundial.

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

QUAL É A MULHER MAIS LINDA QUE PISA OS PALCOS PORTUGUESES?

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e á actriz mais votada serão oferecidos valiosos premios.

Vou concorrer ao concurso
E com mui prazer o faço:
«Para mim a actriz mais linda
E' a Amelia Rey Colaço».

Temos actrizes galantes
Com charme e graça infinda,
Mas a Amelia Rey Colaço
De todas é a mais linda!

HANIBAL

E' um encanto—um amôr!
E' um bijou—E' uma prenda,
E lhes digo—mas sem pavôr
Que a mais bonita—é Auzenda!

UM MATTIAS

O meu voto, meus respeitos,
Meu coração, meus cantares,
Ofereço d'amor rendido
A' Julieta Soares.

MOLI

Voto sem me enganar
De todas a mais linda
Julgo o concurso ganhar,
Votando na Adelina.

Por eu não ser poeta,
Tu prender-me não mandes,
Por fazer versos a esta,
A' Adelina Fernandes.

PONTES

A mais bonita eu vos juro!
E se perder, esta aposta!
Concerteza sou maduro
Se não fôr a Laura Costa.

EX-BELENENSE

E' bela! e mui nova ainda!
E sonha horisontes grandes!
Entre todas—a mais linda?
Eu julgo a Emilia Fernandes.

ZÉ DE SILVES

A victoria na eleição
Cabe sem mais atavios
A' linda Maria Brazão
Que é das de trez assobios.

JORGE DE SOUZA

Maria Alves! Enfim,
E' a actriz que eu mais noto;
Por tanto é ela, p'ra mim,
A que merece o meu voto!

JESUÉ

Com a graça da Julia Mendes
Com seu forte e lindo busto
—Eu não sei se tu compremdes...
E' a Alves do *A'gusto*...

JOAQUIM PACHECO

Palavra! Pois! Com certeza
Não seria um verso crasso,
Se o premio d'arte e beleza
Não fosse pra Rey Colaço?

ZÉCA XANDRE

E' ela no drama a mais pomposa
E' ela que nos vestidos faz mais gastos
E' ela decerto a mais formosa
E' ela a atriz Palmira Bastos.

IMPARCIAL

E' impossivel achar
Nos palcos de Portugal
Quem se possa comparar
A' bela Côrte Real.

M. P. S.

Ha gostos que dão desgostos
Porque toda a gente gosta,
Mas seja gosto ou desgosto
Gosto mais da «Laura Costa»

ANTONIO PAIM

ESTADO DO CONCURSO ATÉ AO N.º 9

Auzenda d'Oliveira	17	votos
Amelia Rey Colaço	6	»
Ilda Stichini	5	»
Luiza Satanela	4	»
Laura Costa	3	»
Adelina Fernandes	2	»
Maria Corte Real	2	»
Maria Alvarez	2	»
Maria Clementina	1	»
Aldina de Souza	1	»
Elisa Santos	1	»
Julieta Soares	1	»
Elvira Costa	1	»

Á BEIRA DA CAMPA DE ANGELA PINTO

Uma pergunta indiscreta

EM 13 de setembro de 1903, realisou-se no Teatro Aguia d'Ouro do Porto, uma sessão solemne em honra da grande actriz Angela Pinto que por esse tempo deu aos portuense um espectaculo inedito, a representação da tragedia Hamlet.

Nesse dia, realisou-se uma festa em que tomaram parte os principaes vultos da Arte e das Letras da cidade do Porto e, apoz algumas palavras elogiosas por parte dos que essa festa tinham promovido, realisou-se no atrio do teatro, o descerramento de uma lapide em que se testemunhava á grande actriz a adoração dos portuenses pela sua interpretação do principe da Dinamarca e se marcava a data de esse acontecimento artistico.

Passaram anos e um belo dia os proprietarios do teatro, entenderam fazer obras no edificio. Para êsse fim, foi preciso arrancar a lapide comemorativa.

Até hoje, já as obras concluidas ha tanto tempo, a lapide não voltou ao seu lugar e chega-nos a informação de que jaz partida no subterraneo do teatro.

Porque não se coloca a lapide de Angela Pinto no logar que o publico do Porto designou?! Que razões ha para que o nome dessa grande actiz não fique numa admiração tão justa, ligado á historia do Teatro Aguia de Ouro?

Esperamos que a empreza nos responda afim de responder-mos aos organisadores da festa que teve por unico fim firmar para a posteridade o nome glorioso de Angela Pinto no atrio de um dos teatros do Porto.

noites de primeira

NO POLITEAMA

«A Massaroca» que Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara traduziram para o Politeama é, como o seu nome indica, uma peça destinada a ajudar o sr. Luiz Pereira a pagar as contribuições.

O simpatico e excelente emprezario, que andava ha que tempos a clamar em vão pelos bastidores: «Dêm-lhe peças alegres! Dêm-lhe peças alegres que é o que eles querem!—» vê finalmente que afinal tinha razão, e a verdade é que os escritos este ano são ininterruptos no Politeama. Esta fuga da companhia Rey-Colaço para o teatro ligeiro, embora momentaneamente, não deixa de ser sintomatica, se atendermos a que á frente da companhia está a cultura de Rey-Colaço e o talento dramatico do Azevedo. E' verdade que tambem está o senso pratico do Robles—mas é triste verificar que o publico nada mais quere do teatro do que uma acção favoravel ás assimilações estomacais, preferindo francamente uma pileria dita pelo Nascimento Fernandes á mais alta creação dramatica que tenha aparecido ou apareça.

Robles Monteiro no «Novo Rico»

Nascimento Fernandes no padre «Lino».

Amelia Rey Colaço na «Cegadeira».

MARIA VICTORIA

A peça de actualidade, tão querida do publico, Sonho Dourado com Laura Costa, a encantadora «divette», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

EDEN

Brevemente inauguração de uma companhia de variedades.

S. CARLOS

Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico e toda a companhia.

NACIONAL

«Vivette» peça de emoção, dôr e sentimento, com Stichini, Crenilda, Alberto, Clemente e Rafael.

Conjuncto equilibrado e brilhante. Primorosa tradução de Vasco Borges.

S. LUIZ

Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos.

Grandioso exito de arte e elegancia.

APOLO

A revista popular «Pó» com o aplaudido actor Gomes, fantasia e bom humor.

AVENIDA

A opereta «Mãe Diabo», pela companhia Satanela-Amarante. Esplendido desempenho da admiravel actriz Luiza Satanela, musica [illegible].

POLITEAMA

O grande exito «Massaroca» de Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara.

Toda a companhia Rey-Colaço-Robles Monteiro.

TRINDADE

Brevemente inauguração da grande companhia portugueza de operetas e revistas.

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noites e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moder-

"COIFFEUR — HAIR-DRESSER"

Bigodes! Bigodes!

BIGODINHOS—Bigodeiras—Bigodaças. A mosca, os matacões. A pera presidencial — a careca de Alvaro de Castro e os bigodes em voluta de André Brun. O buço de Ramada Curto, as barbas de Manoel de Sousa Pinto e o bigode sobre todos de Julio Dantas. A ex-careca gloriosa de Egas Moniz, os capachinhos celebres, a farta cabeleira de Candido de Figueiredo e as suissas de Ramalho. Pelos e peludos.

Evoquemos nesta pagina o passado capilar dalguns vultos portugueses. A alta e a moda dos pelos da cara, mais do que á primeira vista parece, é um reflexo social admiravel de precisão

Os srs. Teixeira Gomes, dr. Alvaro de Castro, dr. Antonio José de Almeida, e Victorino Guimarães.

para fixar aspectos de politica de sentimento e até de atitudes literarias.

As peras da propaganda republicana, que se fizeram brancas e murcharam como a de Antonio José d'Almeida ou andam pintadas (dizem as más linguas!) como a de Afonso Costa, marcaram periodo. O bigode extranho, vasto e hirsuto como uma floresta, funebre e tragica, de Julio Dantas, é da epoca sensual do auctor de «O que morreu de amor». A bigodeira em voluta de André Brun, cadete perna bamba da Escola do Exercito é mais do que um periodo—é um tipo. O buço anarquista de Ramada Curto e as barbas «á barrabás» de Manuel de Sousa Pinto (quem tal diria ao vê-lo hoje rapadinho no Chiado!) são caracteristicos marcantes.

Arranjam-se, relastem-se, rapam-se os pelos da cara, segundo afinidades e tendencias, politicas, religiosas e esteticas. Desde o poeta João Maria Ferreira, que andava de queixo á véla no tempo do seu cavalo Sevilha e agora pudicamente o recobre de espessa grenha, até á careca franca do sr. Avaro de Castro, (cuja diminuição de cabelos corresponde ao aumento de planos financeiros) quantas revoluções nestes grandes coiros cabeludos se não têm dado da Republica para cá?

O proprio senhor Teixeira Gomes, é outro. Está chupada a sua face outrora fresca e redonda e a barbicha negra como um figo de capa rota, está branca e sorvada.

Só ao sr. Egas Moniz, imprevistamente, uma farta cabeleira surgiu, oleosa e compacta como uma pele de fóca, fazendo esquecer a sua antiga careca estilo bola de bilhar.

Passada a moda das cabeleiras á Candido de Figueiredo — nova que foi a infancia dos «capachinhos» — surgem estes em todo o seu esplendor. Não mais os «messieurs qui ramenent» aqueles que trazem os cabelos de traz para a frente, ou do pé da orelha para o topo da cabeça, como o José Ricardo, que os vão buscar onde eles estão, lá muito abaixo ou lá muito atraz, e os deitam ao comprido, ás riscas, num luto aliviado, sobre a testa.

Vêm os colossais «toupetes» á Erico Braga, feitos em Paris a peso de ouro, e que deixam a perder de vista a empirica formula em estilo limpa-pés, como o do Clemente Pinto.

Na America implantam-se cabelos a dolar cada um e a grande tragedia capilar remedeia-se com alguns cheques solidos. E, quando os não haja, as cabeleiras de meia calvice, o chinósinho de reservas á Augusto de Castro — a ultima creação, são um verdeiro desafio a observação e á perspicacia.

* * *

A scenografia da casa, essa arte e essa preocupação que dirse-hia exclusivamente das mulheres ocupa mais do que parece 'a atenção dos homens. Quantos grandes estadistas, quantos altos funcionarios, deante dum espelho, não meditam inutilmente na maneira de alijeirar a carcassa cortando aqui, rapando acolá, aparando e espontando as patilhas, o bigode, a mosca, as sobrancelhas?

Quantos bigodes não foram abaixo na estulta preocupação e na ilusoria conquista dalguns anos a menos?

Porque rapam a cara o Brun e o Ramada Curto, porque transformou numa

Os srs. dr. Julio Dantas, André Brun, e Manuel de Sousa Pinto

«brush» americana o seu formidavel bigode o Julio Dantas?

Porque anda rapadinho tambem o Alvaro de Castro?

Tudo ao mesmo... Tudo ao mesmo!

O que eles não conseguem é com a mesma facilidade com que rapam a cara ... raparem os anos!

X.

Recita anual

TRINDADE. — «Furta-Côres» — revista-fantasia em 2 actos e 11 quadros, de Jaime Ferreira, Alvaro Leal e Carlos Cruz, musica de Alves Coelho, em festa dos empregados do Banco Nacional Ultramarino.

Os empregados do Banco Nacional Ultramarino, realisaram na passada 5.ª feira, mais uma vez, a sua récita anual, a favor do seu fundo de Assistencia ás Viuvas e Orfãos.

Jaime Ferreira, Alvaro Leal e Carlos Cruz, escreveram com felecidade a revista «FURTA-CÔRES», não desmentindo as suas belas aptidões de escritores, e Alves Coelho musicou com leveza e dirigiu superiormente.

Da revista surgem pelo seu sentimentalismo, o quadro ROXO em que se admiram belos versos e o quadro VERDE, uma evocação historica que nos relembra a raça portuguesa.

De desempenho, e clou da noite, foram Alfredo Cavalheiro e Manoel Mantero, que conseguiram prender a plateia e arrancar enormes ovações.

Conseguiram, porém marcar, Henrique Ponte, Arbués Moreira, Marciano Alves, José Paulo, Penalva, Faria Nunes, Clemente Rosa, Mourato, etc, formando os restantes um conjuncto muito equilibrado.

Ao espectaculo, que tinha uma assistencia elegante, dignou-se assistir o Snr. Presidente da Republica.

RUY DE ALMEIDA

A ULTIMA AVENTURA DE SHERLOCK HOLMES

Quando Sherlock-Holmes morreu, como toda a vida tinha trabalhado pela justiça e pelo bem dos seus concidadãos, foi para o ceu.

Encontrando a porta fechada, e não tendo perdido o seu espirito de observação, como tivesse encontrado a porta fechada e não vendo S. Pedro, puxou da sua lente e examinou se haveria vestigios de crime.

Bateu á porta, e não obtendo resposta, bateu novamente. O mesmo silencio.

Convencido de que alguma coisa de anormal se estaria passando e não esquecendo a sua qualidade de policia, ao bater pela 3.ª vez, bradou:

— Abra em nome da lei. —

Emfim S. Pedro, sempre apareceu, e perguntando-lhe quem era, obteve a resposta de que era Sherlock-Holmes o novo pretendente ao paraizo.

Não o conhecendo, foi ver se no registo estaria o nome d'ele, mas não o encontrou.

Admirado de tanta bulha, apareceu o Pai do Ceu, que o reconheceu imediatamente, e que o recebeu com estas palavras.

«Ainda bem que chegas porque só tu nos poderás salvar».

«Então o que ha?»

—Desapareceu o Adão.

—Eu o encontrarei.

Principiando imediatamente as suas investigações Sherlock-Holmes, dentro em pouco tempo aparecia ao Pai do Ceu, com a resposta categorica de que Adão estava no Paraizo.

—Isso não pode ser porque todos nós o conhecemos bem, visto que ele foi o primeiro que para aqui veio e é portanto o mais antigo».

—«Tenho a certeza que está aqui e desconfio daquele que alem está, disse o celebre policia apontando para um dos habitantes, de cara rapada»—

—O Adão tinha barbas.

—«Fez a barba e foi com uma Gillete visto que o lenho que ele deu é no sentido transversal, porquanto se fosse com uma navalha, o golpe seria longitudinal.—

«Não me convences»—

«Ha uma prova suprema, mas essa em nome da moralidade...

«Não faz mal aqui só ha *almas*, diz o que queres»

Mandadas despir todas as almas o individuo de quem Sherlock-Holmes desconfiava... não tinha umbigo...

GODIM JUNIOR

O DOMINGO
Ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O drama sem fim

O Dr. Cervantes Machado de regresso da Alemanha deixou-se ficar nas propriedades da Parralva por toda a quadra das vindimas. Iam ainda estiradas as tardes de oiro, e sabia-lhe bem o repouso dum passeio pelos largos vinhedos da quinta, ao fim do jantar, a reconciliar-se com a terra depois dessa forçada ausencia de três anos em laboratorios e hospitais de Berlim e Munich, entre homens e ceus frios.

As moças do trabalho e as creadas da lavoura quasi o não reconheciam, de distante que ele andava da vida do campo, desde a formatura em medicina e a partida para o estrangeiro. E, no entanto ela ia seguindo abaixo a regueira das cepas e lançava a todos o nome com a saudação, familiarisado já com a bôa gente do mesmo torrão, colhendo um bago com a sensualidade dum fauno distraido em plena floresta e apetecendo as ancas fortes da rapariga de Etelvino Moleira, já tão mulher em três anos, ele que a deixara uma garota chupada e franzina.

Essa familia Cervantes Machado estava hoje dizimada.

Apenas o pae, entre «couvreprieds» e botijas de agua-quente curtia a sua eterna bronquite numa sala, por detraz da vidraça com os olhos nos campos tranquillos.

Luiz Cervantes Machado gosava como filho senhor toda a regalia do passadio.

O seu curso, rapido e brilhante fizera dele uma bela esperança e os proprios mestres lhe aconselhavam ao terminar a defeza da tese, que fosse lá fóra especialisar-se. E foi, o jovem medico,

quando um vagon de marcos se comprava com uma bolsa de libras, para a Alemanha estudar um ramo novo, de «post-guerra» — a orthopedia, ou seja, o tratamento das deformidades, a aleijões dos ossos, deficiencias musculares, paralisias, e a substituição dos membros nos casos de amputações.

Trez anos se demorou nas clinicas, maravilhado dessa extranha sciencia que conseguia fazer dum farrapo de carne um musculo vivo e util, dum braço flacido um orgão prompto ao trabalho,

E, agora à volta, cançados os olhos de tanta deformidade doente, de tanta dolorosa miseria fisica, os olhos do medico repousavam bem sobre as ancas da rapariga de Etelvina Moleira, felizes de reencontrarem esse glorioso pedaço de saude, forte como um tronco de castanho e pura como a ceira da varzea, fresca e penetrante...

— Como te chamas?

— «*Atão?* Saberá o Sr. Doutor que sou *tamem* Etelvina cum'a minha mãe que Deus haja...

— Morreu a tua mãe?

— Vae em dois anos, faz agora p'lo Natal.

— E com quem vives...

— Vendemos o moinho — Vivo com as cachopas na casa pequena da azenha, á Roliça, ao pé das terras do Simão — sabe donde é?

— Sei... sei... Estás uma mulher... E a respeito de casar?

Oh!

— Olha a parte... Nan que trabalhos tenho eu...

— Pois estás uma linda moça, Etelvina... Sabe Deus!

— Ideias dos olhos, senhor doutor...

* * *

Quando á boquinha da noite, o ultimo rancho de creadas com cestos entrou no lagar, acendeu-se a candeia e vasaram-se de borco os cabazes nos largos tanques.

— Boa noite!

— Santas noites! gorgearam as moças, e sairam airosas com anforas num fuso grego.

Suadas da lida, separam-se logo aos bandos pelas azinhagas escuras em cata do caldo nos casais e a Etelvina, ficou a pedir a brôa á porta da cosinha para as cachopinhas, como tinham combinado entrar na jorna.

O senhor doutor do terraço, gritou pelo José: que lhe desse um naco daquele presunto de Manteigas e levasse um frango para a que andava com maleitas. Depois, mesmo em cabelo desceu a escada que dava direito ao laranjal onde ela havia de passar, e ficou-se calado na sombra e no perfume das arvores, quebrando nervosamente o espelho da agua do tanque com as rosinhas de toucar da trepadeira...

* * *

Ao barulho do velha caleche da quinta, rodando sobre as pedras do pateo, Luiz abraçou o pae, pegou nas mantas, e desceu entre os creados a escadaria. Mal se escondeu porem a porta da Torralva ele ordenou logo ao Simplicio alquilador, que vinha atrelar o carro e guiar quando era preciso, que desse a volta ao cabeço pela estrada nova a levar a bagagem á estação, que ele ia a pé, pelas terras do Simão, e ainda havia de esperar pelo comboio meia hora segura.

* * *

A Etelvina tinha tudo preparado des de dias. O Senhor Doutor levava-a, e as aparencias estavam salvas porque ela abalara dois dias depois, a servir para Coimbra, as cachopas ficaram á cunhada, e o seu amôr rude e selvagem continuava na mesma.

Luiz passou á azenha e beijou-a. «Até depois d'amanhã» e ficou largamente dinheiro para tudo.

* * *

Em Lisboa, na sua casa de solteiro o Doutor recebera bem a moça. Afinal era uma creada, companheira e serva, sem exigencias nem pretensões, e o seu «menage» complicado de homem só, estava assim resolvido com mais ordem.

* * *

O regresso a actividade absorvia-o completamente. Não porque os clientes abundassem, mas porque o seu sincero interesse profissional o prendia aos hospitaes e aos asilos de aleijados, na anciedade de conseguir casos novos. Uma manhã Luiz dirigiu-se ao azilo dos velhos, em Santo Antonio dos Capuchos conduzido pela informação de que muitos anormais e aleijados de pouca edade, ali se encontravam, dados como inuteis. Passou em revista, no refeitorio, um exercito de miserias e chamou-lhe a atenção um rapaz, forte e perfeito da cintura acima mas cujas pernas na altura do joelho se torciam como vimes, defeituosas e mortas para qualquer movimento.

— Oh, Sr. Dr. bom, eu?! Já fui. Hoje antes fôra velho e são, como o meu pae...

— Vai amanhã no carro a Santa Marta, e eu te tratarei. Não tenhas medo.

Na manhã seguinte o medico com o maior entusiasmo dispoz tudo para a operação.

Sobre o corpo estendido na meza, os seus olhos, febris e sofregos brilhavam. Esse novo escultor, que modelava estranhamente sobre a propria carne, amassando e golpeando, construindo e erguendo, refazendo a vida como um Deus, creando a materia viva da massa inerte — sorria, victoriosamente...

* * *

Num mês os ossos principiavam a regenerar, em quinze dias mais o doente movia as pernas e dois mezes depois, na cerca do hospital ninguem reconheceria nesse rapaz forte e esbelto o frangalho, o farrapo tragico, que subia, de maca, a escadaria principal.

— Sr. Dr. Vou amanhã para a terra! Já escrevi! — Devo-lhe a vida! Devo-lhe a vida! E o rapaz curvado, queria beijar-lhe as mãos, com duas lagrimas a esmaltarem-lhe os olhos claros...

— Donde és tu?

— Saberá senhor das Vargens...

— Das Vargens? E's visinho não sabia. A minha casa, homem, é a Torralva, conheces a gente concerteza.

— Ah! o sr. dr. é o menino que andava a estudos? Se já até andei de jorna em terras suas, quando era mais cachopo... oh! Deus lh'o pague e ao seu paesinho, Sr. Dr... E quer alguma coisa para as bandas de lá? E como tenho alta abalo amanhã...

— Pois sim, levarás uma carta... ora tu... das Vargens...

Ao regressar a casa Luiz agradecia ao acaso essa imprevista popularidade que o seu milagre de cirurgia lhe iria

dar na terra. E começava a ver, que era amigo dessa gente e andava ainda muito preso ao torrão.

* * *

Bateu a campainha. Um grito na antecamara da entrada fê-lo erguer dum salto e chegou á porta.

O que era? O rapaz soubera da morada e vinha pela carta, despedir-se e agradecer.

A moça foi a abrir e o coração ao vê-la deu-lhe um pulo.

A Etelvina fôra, antes da sua desgraça o sonho das primeiras noites e conversada a trazia de anos já. Em vão lhe escrevera para a terra a contar-lhe o milagre — que não tivera resposta. Nem parentes nem amigos lhe diziam nada, e ele sonhou já, alvoraçado, chegar e dizer-lhe: «Ampara-te a mim rapariga, que estava bom e sou homem para te guardar...

E ela ali estava agora, deformada e lenta da gravidez, a dizer-lhe sem palavras que não era a mesma de outrora, moça pura, para o seu puro amor...

* * *

E o drama, drama sem fim da vida, não teve frases nem conflitos.

Tombaram primeiro, lentas e fortes as lagrimas do homem vencido, vieram depois os soluços da mulher, tremulos e intimos, e por fim, o proprio vencedor, piedosamente, chorou...

V. S.

AOS NOVOS

Aceitamos novelas originais ineditos do tipo das publicadas nos nossos numeros. Temos em nosso poder muitas que tem sido enviadas, ás quais ainda não podemos dar publicação mais pela enorme afluencia de original do que pela falta de merito que revelam, pois alguns dos seus auctores demonstram reais disposições para o genero.

O PRESTIGIOSO ARTISTA SANCHEZ MEJIAS, VEM A LISBOA AFIRMAR A SUPERIORIDADE DUM TOUREIRO PUNDONOROSO, ELEGANTE E EMOCIONANTE

SANCHEZ Mejias em terra lusitana, é mais um astro que brilha neste céu generoso e hospitaleiro.

A época tauromaquica não podia abrir com melhores auspicios, nem os aficionados podiam ser brindados com mais valioso *regalo*, do que aquele que Eduardo Pagés destinou a esta Lisboa que tão bem sabe sublinhar o trabalho honesto, despretencioso e cujo valor se lhe atribua sem o esforço provocado por suspeitosos impulsos.

A Arte de Mejias, está marcada sem reclames retumbantes, mas sim com fases plenas de emoção e de verdade.

Colaborador do saudoso *Gallito*—seu cunhado—Mejias alcançou a primeira fila sem grandes etapes de dificuldades, tornando-se hoje o toureiro espanhol de maiores faculdades de agrado, visto a sua personalidade artistica e social resumir a comum simpatia tanto do publico como de todos os seus colegas.

Ignacio de Sanchez Mejias é o presidente da Associação de classe de que mui honrosamente faz parte.

O popular artista toureia a pé e a cavalo:

Notavel caricatura de Sanchez Mejias publicada no «Universal Taurino», do Mexico

manifestando sempre o superior quilate da sua intuição. Com o capote é arrimado e elegante, no segundo tercio é colossal de sciencia, temerario e inventor; e com o *precal*, não ultrapassa é certo, o que outrora o seu chorado maestro derramou, mas o estilo que distingue as suas faenas não deixam de ser monumentais de beleza e segurança.

A cavalo usa o genero campinado que é o geralmente adoptado nas praças de Espanha. Mejias não faz grande empenho neste modo de trabalho. Utiliza-o por recreação; de resto,

Sanchez Mejias, executando uma das suas melhores sortes

estamos convencidos que não interessava ao grande artista apresentar-se como profissional, num trabalho que, com relativo valor, é executado pelos nossos campinos do Ribatejo.

* * *

Em 7 de Julho proximo, temos no Campo Pequeno, Marcial Lalanda e, em 10 seguinte, Chicuelo.

* * *

Prestaram as suas provas finais os discipulos do estimado artista Agostinho Coelho, que na tarefa do ensino, foi auxiliado por *Angelillo*. Apareceram alguns rapazes com habilidade. Tambem uma filha de Eva delicia o juri—que era constituido pelo publico e presidido pelo grande mestre Segurado—cravando bandarilhas com a elegancia propria do sexo!

Agostinho pede-nos para informarmos que a ele se dirijam directamente, todas as pessoas que requeiram nos seus serviços. Aqui fica o aviso.

Salud y pesetas.

PEPE LUIZ

O Charadista

Secção a cargo de José Pedro do Carmo (*Zéphiro*).

QUADRO DE HONRA

Néné—Africano—Violeta—Aros—Um Portuense—V. S.—Florindo—Marco Lino—Eva—M. Rodrigues—Fadigio.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 5.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Afirmação.
Charada em frase: Cavalgadura.
Logogrifo: Velho de entrudo.

—

CHARADA EM VERSO

Tudo muda, tudo acaba
Tudo nasce p'ra morrer;
Quem é bom torna-se mau,
Quem é mau, deixa de o ser.—1

Não vale a pena pensar,
N'estas verdades tão duras,
Portanto, toca a gosar,—1
Deixemos as amarguras.

Os desgostos lá virão,
Em não se livra da batalha,
Porque é sempre casulão
Do reverso da medalha.

Porto — ZARITA

*

Procure o que se possa da religião crime.—2—2.

MILÊNA

*

LOGOGRIFO

[illegible] vulgar apelido—3—4—1—2—5—4.
[illegible] proprio vulgar,—1—2—4—6—7.
[illegible] apelido, por fim,
[illegible] vão achar.

VIOLETA

—

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redacção, ou á Rua Aurea, 72, Lisboa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, [illegible] e [illegible], assim bem desenhados em papel [illegible] e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Xadrez

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º [illegible]

PROBLEMA N.º 9 (Miniatura)

Por Otto Wurzburg

Pretas (1)

Brancas (3)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

—

ERRATA—No problema n.º 8 em vez de B. preto [illegible] branco e de D. preta D. branca.

Resolveram o problema n.º 7 os srs. Mota Ribeiro (Porto), Gomes Delfina, Afonso Moutinho, dr. [illegible] Móra, Nunes Cardoso e Bejo e Sousa.

(Continuação)

Esta regra póde ter excepção nos problemas de [illegible]tal, fantasistas ou humoristicos.

O primeiro lance da solução deve ser unico, sendo o problema é incorrecto por dupla solução. Tambem [illegible] deve ser agressivo pelo menos aparentemente, evitando-se portanto os cheques no primeiro lance.

Folhetim do Domingo «Ilustrado» — N.º 3

Por LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

III

Decreto da mobilisação das mulheres publicado no jornal oficial e afixado no dia seguinte em todos os placards, produziu em todo o país, como não podia deixar de ser, uma viva impressão. Não deixa de ser curioso transcrever esse decreto:

Art.º 1.º—São imediatamente mobilisadas e ficam á ordem do ministerio da guerra, todas as que tenham mais de 18 anos e menos de 70.

Art.º 2.º—São exceptuadas desta disposição todas aquelas que possuam, á evidencia, que têm maridos ou amantes a quem amam com fervor.

Art.º 3.º—O governo pela pasta da guerra, publicará imediatamente os regulamentos necessarios á completa execução desta lei.

Art.º 4.º—Fica revogada a legislação em contrario.

A' vista deste decreto começaram a [illegible], desde logo, os mais desencontrados comentarios. [illegible] os boatos. [illegible] Previa-se, [illegible], que o governo [illegible] na Camara ao embate das oposições—que não [illegible] [illegible]. Dizia-se mesmo que [illegible] de Sua Majestade [illegible] debate parlamentar. A verdade é que, [illegible] a opinião do país [illegible] [illegible] Mas não era apenas o país, era a propria [illegible] que [illegible] a marcha dos acontecimentos politicos. No dia seguinte ao da publicação do decreto—o ministro dos estrangeiros, diplomata [illegible] cuja cabeça [illegible] lembra a de Chamberlain, entendeu que era de bom aviso dar parte aos senhores representantes estrangeiros da inesperada resolução do governo. A audiencia realizar-se-ia na Sala dos Embaixadores, vasta quadra cheia de talhas da India e de [illegible] sobre D. João V,—e, caso curioso, não faltou nenhum embaixador, nenhum ministro, nenhum simples enviado. Estava tudo—como num baile do Paço. Até o ministro da China que passava a vida sentado no chão, a abanar-se com um grande leque de seda e a fumar um grande cachimbo de sandalo—até êsse ocorrêra, risonho, solicito, enfiado numa [illegible] cabaia côr de morango. O ministro dos estrangeiros que [illegible] e [illegible], na [illegible] Suas Ex.as ao facto das razões que levaram o poder executivo a decretar «essa grande [illegible] digna do seculo XXI» (qualquer [illegible] a mobilisação das mulheres, dessas mulheres que, cada vez, estavam sendo mais [illegible] adoraveis [illegible]. O que [illegible] ainda [illegible] o [illegible] de O Rei Maganão.

Todos aplaudiram. O embaixador inglês sorriu, cumpriu o [illegible], confidenciando ao ministro de França:

—*All right! Great people!*

E o ministro de França segredou logo ao enviado de Italia:

Oh! les femmes, les pauvres femmes...

Emquanto o ministro de Espanha cuja calva resplandecia, como uma formidavel bola de bilhar, agitando os braços:

—*Hombre de Dios! Viene vêr lo [illegible] magnana...*

Numa palavra: o estrangeiro aprovava e sorria.

—

Vejamos agora qual foi a impressão produzida nas pessoas mais directamente interessadas nas novas disposições legais: as mulheres. Não faltaria á verdade se dissesse ao ouvido de V. Ex.as que as mulheres aceitaram a sua nova situação com uma coragem e com sangue frio que, com muito prazer aqui registo. O que [illegible] quer dizer que esse sangue frio e essa coragem [illegible] fôssem, desde logo, postos ao serviço dos mais [illegible] [illegible] subterfugios destinados senão a fugir, pelo menos a justificar a excepção a que especialmente se referia o art.º 2.º do decreto. E assim todas as mulheres incursas no art.º 1.º que não conseguiam provar a existencia dum marido a quem amassem com fervor—ou dum amante com fervor, porque a maior parte delas eram mulheres [illegible] [illegible] obrigadas a procurar um amante. Os jornais vinham inundados de anuncios. «Rapariga de vinte anos loira, bonita, deseja um amante a quem dar [illegible]». «Senhora de [illegible] anos, viuva, precisa de amante. Não faz questão de idade [illegible]». «Divorciada com os trinta anos de [illegible] e um primeiro andar na Avenida carece dum amante, o mais depressa possivel. Dá-se casa e mesa». [illegible] um nunca acabar. Mas, minhas senhoras e meus senhores, os amantes, como era natural, passaram a dificultar-se, a fazer exigencias de creada de quarto—e as mulheres mais pobres e menos resolutas viram-se na dura necessidade de se pôr á disposição de Sua Ex.a, o ministro da guerra, especie de Sultão com olhos azues e um sorriso de feuno...

Les femmes, les pauvres femmes! Mas o boateiro quis ser prodigo para com elas e um fio de sol surgiu na atmosfera das sombras. Abrâmos a nossa pequenina [illegible]nela—e olhemos a luz.

(Continua)

pagina feminina

Carta de Paris

Penteadores primaveris

COM estes lindos dias de sol primaveril que nos libertaram emfim da opressão do inverno, será decerto com gostoso prazer que as nossas leitoras trocarão o penteador de lã dos Pyrineus, cujo conforto borralheiro foi largamente apreciado durante os meses frios, por um fresco e encantador vestuario caseiro, tão agradavel á vista quanto leve e gracioso. Os tecidos de algodão destinados aos penteadores do estio são tão sedutores pelo seu colorido e pelos seus lindos desenhos decorativos, que facilmente se dispensam as fantasias de feitio.

Que lindos kimonos se fazem com os crépons estampados representando vôos de aves, enormes flores em tons quentes ou fólhas de feitios e fantasiosos recortes! Se a leitora receia ficar pouco vestida para afrontar a frescura de certas belas manhãs de verão, escolha o seu penteador em flanela ou em mousselina de lã, tambem estampada. Ha colecções desses tecidos tão variadas como tentadoras pelas disposições interessantes e pitorescas dos motivos, pela harmonia dos coloridos habilmente combinados. Juntamos a estas notas alguns modelos muito originais.

Fazem-se penteadores solidos e confortaveis mais que frescos, com grossos matelassés de algodão, com os clokys e os zonanas em algodão aveludado. Com estes tecidos espessos convém formas direitas, com um trespasse muito largo. Ao passo que com os crépons e percaes estampados e todas as fazendas leves, compõem-se modelos com mangas vastas e *capillés* muito maleaveis. Fazem-se egualmente simples e lindos penteadores que mais parecem vestidos de trazer por casa; como taes, apresentam mais *aspecto* do que um penteador, se bem que se ande dentro deles inteiramente á vontade. Uma gola, guarnições de crépon liso, em côr ou branco, ficam belamente num feliz conjuncto.

Com estes vestuarios leves e de tons claros, comprehende-se que as roupas de baixo têm sua importancia.

Se as combinações em tecido de seda são praticos, é agradavel ter pelo menos uma em crépe da China: certas *toilettes* deslisam mal por sobre outro qualquer tecido. Não descurem isso as nossas leitoras, pois a falta d'esse pequeno detalhe tem por vezes grande importancia para o bom resultado duma *toilette*.

Mulheres decididas

Noticiaram ha pouco os jornaes que foi creado na Palestina um esquadrão de amazonas decididas a defenderem-se por suas mãos contra os raptos de mulheres em que os arabes são useiros e vezeiros.

O cavaleiro de albornoz flutuante que arrebata atravessada na sela a mulher desmaiada que acaba de raptar, é um quadro que seduziu muitos pintores e poetas: mas a verdade é que isso só é belo em pintura, entenderam com razão aquelas amazonas que se intitulam orgulhosamente *noivas da morte*. Essas amazonas, assim, andam a exercitar-se na equitação e no tiro. Já são mais de quinhentas e os futuros raptores de mulheres terão que contar com elas.

Egualmente na America, onde os ataques de brancos á mão armada são por assim dizer diarios, tantas vezes se reproduzem, acabam de ser creados, entre o pessoal feminino, sociedades de tiro. Certos brancos empregam quasi exclusivamente mulheres e notou-se que são esses os atacados de preferencia pelos bandidos. Por isso todas as empregadas de banco devem agora fazer parte dessas sociedades e seguir um treino rigoroso. Exercicios de tiro têm logar nos proprios escriptorios. Os bandidos habituados a não encontrarem senão fracas mulheres atraz dos *guichets* encontrarão agora quem saiba e possa resistir-lhes.

Pão mousseline com tomates

Deitar n'uma caçarola 35 gramas de assucar seis pequenas colheres de farinha, meio copo de leite fervido e sal. Pôr a caçarola ao lume e mexer até que a mistura forme uma massa muito espessa. Tirar a caçarola do lume, juntar duas gemas d'ovos, remexendo sempre, depois duas grandes colheradas de *purê* de tomates e finalmente as claras dos ovos batidos em espuma muito firme. Deitar tudo numa fórma untada de manteiga e coser no forno a banho-maria. Servir com um molho de tomates e uma guarnição de torradas de pão fritas em manteiga.

Sejam nacionalistas, minhas senhoras!

E' vulgar encontrarem-se senhoras que querem exclusivamente, para a sua *toilette*, preparados estrangeiros, de preferencia francezes. E' que elas pensam, ingenuamente, que esses preparados são melhores do que os que são fabricados em Portugal.

Isto tem alguma razão de ser, porque na verdade só ha alguns anos se fabricam em Portugal productos de beleza perfeitos. E hoje mesmo são apresentados no mercado muitas imitações feitas sem escrupulo, no exclusivo proposito de ludibriar os compradores. Mas as pessoas iludidas só o são porque querem.

Toda a gente sabe, em Portugal, por experiencia propria, que os *Productos Marya* não têm rivaes no nosso paiz e são absolutamente comparaveis aos melhores do estrangeiro, pois são os unicos preparados do genero cujas materias primas são importadas directamente do estrangeiro e são fabricados com os machinismos usados nas casas Coty, Houbigant, etc.

Portanto, querendo um bom producto, garantido, dez vezes mais barato do que os estrangeiros, não ha que hesitar: pedir os *Productos Marya*. Toda a gente préga a necessidade de sermos patriotas. Pois bem, sejamol-o praticamente: prefiramos os bons produtos portuguezes.

Amigas!

— Não, filha, ela protesta que nunca foi beijada!

— E que forte razão, n'esse caso, ela tem para protestar!

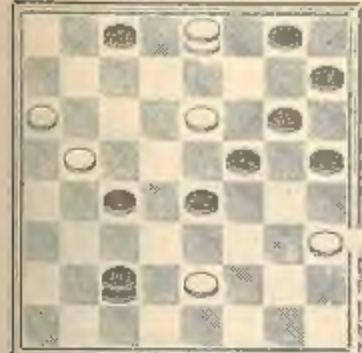
CELIMÊNE

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 8

1	21—10	15—6
2	11—34	19—9
3	13—31	22—13
4	3—17	31—22
5	17—31—20	2—7
6	20—9	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 9

Pretas 1 D e 8 p.

Brancas 1 D e 3 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

académica

ORFEON ACADEMICO DE LISBOA

O Orfeon Academico de Lisboa é a mais bela realisação levada a efeito pelos estudantes das Escolas Superiores, que por ter determinado a união encantadora e admiravel duma centena de almas moças, quer por visar á vulgarisação; em Portugal e no estrangeiro, de canções do mais delicado sabor sentimental, entre as muitas que constituem o «folclore» nacional.

A cerimonia da entrega do estandarte que ao Orfeon servirá de farol iluminador nas suas proximas excursões, revestiu um elevado significado espiritual interessando numa mesma comunhão de sentimentos toda a Academia de Lisboa e materialisando as possibilidades dum triunfo além-fronteiras.

Dentro de alguns dias, iniciará o Orfeon a sua há muito projectada-viagem ao sul de Portugal e a Sevilha, á qual se seguirá uma outra ao Brasil.

* * *

A Associação Academica da Faculdade de Letras que vem regularmente realizando conferencias sobre assuntos literarios, para afirmação do valor mental dos estudantes, promoveu uma brilhante sessão camiliana. Presidida pelo director da Faculdade, dissertaram notavelmente sobre os multiplos aspectos da individualidade do solitario de Seide o ilustre professor sr. dr. Agostinho Fortes e o presidente da Associação Academica sr. Sá Nogueira.

Casamentos

CINEMA

NICOLAS KOLINE

O egregio artista cinematografico russo que reaparece ao publico amanhã no «Tivoli» no film de grande arte «Trapeiro de Paris».

HELENA ROQUE GAMEIRO

A grande aguarelista portuguesa, expositora em muzeus nacionais e estrangeiros, que agora exibe os seus trabalhos no Salão da Misericordia do Porto.

CINEMA

ANTONIO MORENO

O idolo das platéas latinas que o «Cinema Condes» apresenta na proxima terça feira na sua ultima creação «Tirano e Martir», superfilm com House Peters e Paulina Starke.

FRANCISCO DE OLIVEIRA ARTISTA FOTOGRAFICO JÁ CONSAGRADO POR

INUMEROS TRABALHOS DE INCONTESTAVEL VALOR.

A Morte de Tereza, do «Amor de Perdição». — (Desenho de Varela Aldemira).

CONCURSO HIPICO

Salto soberbo executado pelo distinto cavaleiro Margaride no magnifico cavalo «Intrepide». — (Cliché Raul Reis).

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40
LISBOA

COMPANHIA DE SEGUROS

"A EUROPA"

RUA AUGUSTA, 188 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Impecavel rigor e rapidez nas suas liquidações.

Tapeçarias de Traz-os-Montes

(URROS) L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

LUNETAS, OCULOS, LORGNONS E BINOCULOS
NA CASA ESPECIALISTA

Coelho Duarte, L.DA

138, RUA DA PRATA, 140
LISBOA

AOS PAIS!
AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAUL GUEDE

ULTIMA NOVIDADE

DOCES INSTANTANEOS

FARINHAS BELGAS

"DELISS"

FARINHAS «DELISS» PARA PUDINGS E BOLOS INSTANTANEOS. FARINHAS COM O SABOR E PERFUME DE TODAS AS FRUCTAS.

Dôce econo-mico

CRÊMES DE CHOCOLATE. CRÊMES PARA SORVETES. ASSUCAR BAUNILHADO. FARINHAS «DELISS» «UNIVERSELL» PARA MOLHOS.

GRANDE EXPOSIÇÃO
NAS MONTRAS DOS
DEPOSITARIOS

Jeronimo Martins & Filho

Representante: BATALHA REIS, Ltd.

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11

LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUCÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC., ETC.

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.
FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India ingleza).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.
FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E. — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

A abertura da epoca tauromaquica em Lisboa

O colossal "diestro" Ignacio de Sanchez Mejias que hoje actua no Campo Pequeno, marca com indiscutivel galhardia e valor a grandiosidade duma festa que é a plena afirmação da vitalidade duma raça.